

Vir bonus peritissimus aequē.

**Estudos de homenagem
a
Arnaldo do Espírito Santo**

**Maria Cristina Pimentel
Paulo Farmhouse Alberto
(eds.)**

Centro de Estudos Clássicos

**LISBOA
2013**

Título:

Vir bonus peritissimus aeque.

Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo

Edição de:

Maria Cristina Pimentel

Paulo Farmhouse Alberto

Revisão: Ana Matafome, Ricardo Nobre e Rui Carlos Fonseca

Publicado por:

Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa – Portugal

Tel.: (351) 217 920 005

Fax: (351) 217 920 080

E-mail: centro.classicos@fl.ul.pt

Website: <http://www.fl.ul.pt/cec>

Paginação e impressão:

Grifos – Artes Gráficas, Lda.

Capa: Paulo Pereira

Foto de capa: José Furtado

Número de exemplares: 500

Lisboa | 2013

ISBN: 978-972-9376-29-0

Depósito Legal: 366077/13

Epicharis quaedam

MARIA CRISTINA PIMENTEL
Centro de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
c.pimentel@fl.ul.pt

Uma certa Epícaris. A história é conhecida, mas voltemos a ela. Em 65, preparava-se a conjura de Pisão contra Nero. Juntava-se, no desejo de dar fim ao tirano, um grupo heterogêneo de conspiradores: eram senadores, cavaleiros, tribunos militares, centuriões, movidos por um também variado leque de razões, do ódio ao ressentimento, por parte de quase todos, e do amor à pátria e à liberdade, por parte de muito poucos (*Ann.* 15.48-49). E havia uma certa Epícaris que se lhes associara: na versão de Tácito, sem se saber como nem porquê¹. Certo é que ela assumiu um papel activo, incentivando à conjura. Cansada da hesitante lentidão com que tudo se preparava², resolveu agir por sua conta e, aproveitando a circunstância de se encontrar na Campânia³, tentou atrair

¹ Polieno, autor grego de que pouco se sabe (c. 240 d.C.), escreveu nos seus *Estratagemas* (8.62) que Epícaris era amante de Aneu Mela, irmão de Séneca. Esse seria o motivo da sua inclusão entre os conjurados e, também, uma forte razão para que não tenha revelado o nome dos implicados, mesmo sob tortura. O facto de Tácito dizer que não se sabia como estava ela ao corrente de tudo (*incertum quonam modo sciscitata*), quando em seguida se mostra perfeitamente conhecedor dos mais ínfimos pormenores do episódio, poderia assim dever-se não ao desconhecimento das circunstâncias, mas ao resguardo da fama de personagens de memória digna entre os seus contemporâneos. Como diz Vasily Rudich, a propósito deste passo, “Usually, Tacitus is good in supplying relevant details for the events he writes about [...]. It seems fair to assume that when he fails to do so, the reasons are political, or personal, or both.” (*Political Dissidence under Nero. The price of dissimulation*, London, Routledge, 1993, p. 288).

² Como é comum em Tácito, o uso de verbos compostos realça a semântica do texto: veja-se, neste caso, o valor intensivo do preverbo no participio *pertaesa* (15.51), a acentuar o desagrado de Epícaris perante os que hesitavam e adiavam a execução de Nero (*cunctantibus prolatantibusque*). No mesmo sentido aponta a gradação intensiva dos infinitivos de narração, *accendere et arguere [coniuratos]*, seguida de *ac postremum*, climax da urgência impaciente que leva Epícaris a agir.

³ O facto de estar na Campânia pode articular-se com a circunstância de Epícaris ser amante de Mela (cf. n.1): este tinha propriedades nessa região, tal como Séneca e Pisão, pelo que se pode colocar a hipótese de que a liberta gozasse do apoio material e moral de uma ou das três personagens envolvidas na conjura (cf. DONATELLA CORSI ZOLI, “Aspetti inavvertiti della congiura pisoniana”, *Studi Romani*, 20, 1972, p.

os chefes da armada do Miseno a uma cumplicidade sediciosa (*conscientia*). Um desses chefes, Volúcio Próculo, tinha no seu currículo a ajuda prestada a Nero no assassinio de Agripina, mas considerava insuficiente a recompensa que recebera. A Epícaris confidencia ele a sua frustração, o muito que fizera por Nero e o pouco que isso lhe rendera, bem como a intenção de se vingar, se a ocasião surgisse.

Foram essas palavras ressabiadas que deram a Epícaris a esperança de que ele se juntaria aos conspiradores, arrastando consigo muitos dos seus subalternos. Com a racionalidade dos argumentos que desvendam uma mente em que se estrutura o plano que os outros conjurados demoravam a definir⁴, ela faz-lhe ver que a oportunidade para assassinar Nero se lhe oferecia facilmente, pois o *princeps* ia com frequência a Putéolos ou ao Miseno e gostava de passear de barco. Em seguida, relembra a Volúcio os inúmeros crimes de Nero, o esvaziamento de poder do senado, a ameaça que o *princeps* representava para Roma⁵, para por fim lhe garantir que, se ele decidisse colaborar, ganhando para a causa os subordinados mais valorosos, poderia esperar os *digna pretia*, a recompensa adequada que antes não tivera. Epícaris, porém, não revelou o nome de nenhum dos que à data eram já conjurados⁶.

Não obstante, Volúcio optou por denunciar tudo a Nero, embora, dada a reserva de Epícaris, não tenha podido fornecer base para a acusação. Trazida para ser interrogada pelo *princeps*, e acareada com Volúcio, ela facilmente refutou o que ele dizia, pois não havia testemunhas que confirmassem o que entre eles se passara. Ainda assim, sinal de que não conseguiria fugir à desgraça, Epícaris ficou presa, pois Nero, mesmo não tendo obtido provas, desconfiou de que a denúncia tinha fundamento.

No primeiro capítulo (*Ann.* 15.51) em que Tácito fala de Epícaris, o retrato desenhado apresenta sobretudo traços não exactamente laudatórios. Se é certo que o nome da protagonista deste episódio é de imediato revelado (e repetido, por três vezes), o pronome *quaedam* da primeira ocorrência tolda com um certo tom de insignificância a luz lançada sobre esta mulher, que se adivinha uma liberta. Além disso, tudo aponta para alguém que age extrapolando dos seus limites: ela imiscui-se em campo que não é adequado ao seu estatuto de liberta, e muito menos à sua condição de mulher – uma conjura política⁷; toma a iniciativa de agir por sua conta, farta da lentidão dos homens,

335). Cf. também FREDERICK M. AHL, “Lucan’s *De Incendio Urbis*, *Epistulae ex Campania* and Nero’s Ban”, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 102, 1971, pp. 22-23.

⁴ As formas verbais que acompanham, ao longo de todo o capítulo 51, quer as acções de Epícaris, quer as que sugere a Volúcio, são bem claras na composição do retrato de uma mulher que, sem hesitações, pensa, planeia e põe em prática: *labefacere ... [conscientia] inligare conisa est ... impelli ... conciliare ... accingeretur ... nauare [operam] ... ducere [in partes]*.

⁵ Cf. VICTORIA EMMA PAGÁN, *Conspiracy Narratives in Roman History*, Austin, University of Texas Press, 2004, p. 80: “Tacitus goes so far as to report the substance of Epicharis’ conversation with Proculus, even though the exchange took place behind closed doors, with no witnesses. The substance of their communication, the senate’s loss of freedom and its enslavement to the emperor, is a familiar theme of the *Annals*. By enhancing the conversation between the lovers and relying on its probabilities, Tacitus ventriloquizes Epicharis, who speaks of a criminal *princeps* and an impotent senate”.

⁶ V. E. PAGÁN, op. cit., analisa extensamente o que chama “tipologia da narrativa de conspiração”, debruçando-se, entre outros aspectos, sobre a aproximação possível entre Epícaris e o seu papel na conjura de Pisão, Fúlvia e a sua actuação na conjura de Catilina, no relato de Salústio (*Cat.* 23.3-5), e a liberta Híspala, no processo das Bacanais (Liv. 39.9.5 ss.), no tocante a conspirações sem sucesso; e com Quintília, na conspiração que resultou no assassinio de Calígula (Josefo, *A. J.* 19.35; cf. Suet., *Cal.* 16.4).

⁷ A censura ao envolvimento inusitado de mulheres numa conjura ressuma da enumeração, em gradação crescente, dos que se uniram na conspiração contra Nero: *senatores, eques, miles, feminae etiam*

o que a configura como um carácter precipitado, de certo modo capaz de pôr em risco a conjura; erra na escolha de Volúcio como agente dessa conspiração, pois deixa-se enganar pelas palavras dele, que apontam para um desejo de vingança, sem todavia prever que ele pesará os perigos e os lucros do que pode fazer e optará pela denúncia: o poderoso *princeps* dá mais garantias de lhe render algum benefício.

Epícaris erra também porque, sem ter a certeza da lealdade de Volúcio e do seu envolvimento efectivo na conjura (bem como dos motivos vindicativos que o justificariam), lhe revela quase tudo o que sabe. Ela só não erra, e Tácito regista-o, no cuidado que tem em não desvendar os nomes dos implicados⁸. Como também não erra quando se mantém firme e corajosa quando é confrontada com o interrogatório do *princeps* e a acareação com Volúcio. É com presença de espírito que ela se defende, é com inteligência que mantém a sua versão e desmente Volúcio, sabedora de que é a sua palavra contra a dele, pois não havia outras testemunhas. Podemos entender, do que Tácito insinua, que teria havido uma relação mais íntima, recente ou já antiga (*mulieri olim cognitus, seu recens orta amicitia*) entre Epícaris e Volúcio. As revelações de parte a parte teriam acontecido no âmbito dessa ligação e dos encontros entre ambos. Tácito não o diz expressamente, mas sugere-o. Há talvez um certo pudor em revelá-lo, bastando ao leitor o aparte de que até aí ela não demonstrara nenhuma preocupação honesta (*neque illi ante ulla rerum honestarum cura fuerat*). Ela é, pois, uma mulher de costumes livres⁹.

Repare-se, todavia, que Tácito ainda nada disse sobre a condição social de Epícaris. Se o nome o deixa adivinhar, afirmá-la como liberta parece por enquanto não interessar ao historiógrafo: fá-lo-á mais tarde, quando quiser realçar o contraste entre o seu sexo propenso à fraqueza e o seu estrato social inferior, por um lado, e, por outro, a grandeza do seu gesto.

O capítulo seguinte (52) marca, com a adversativa *tamen*, uma primeira consequência nefasta do acontecido para a conspiração que se urde: os conjurados ficam alarmados¹⁰ pelo medo de que Epícaris ceda à tortura e os denuncie (*metu proditiōis*). Por isso resolvem apressar o assassinio de Nero.

Mas a *proditio*, a traição, não vem de Epícaris, mas de dentro da própria casa de Flávio Cevino, um dos senadores cabecilhas da conspiração. É ele quem oferece matéria de suspeição e é um seu liberto, Mílico, que o entrega a Nero. De facto, na véspera do dia marcado para o assassinio do *princeps*, Cevino teve, ao chegar a casa, atitudes e gestos que despertaram a atenção de Mílico: mandou afiar a lâmina de um punhal,

(Ann. 15.48). Veja-se, além disso, o estranhamento de Tácito por a conjura ter ficado em segredo durante tanto tempo (15.54: *inter diuersi generis, ordinis, aetatis, sexus, dites, pauperes* [...]): o esperável seria que as mulheres e os de estrato social ou condição económica inferior fossem mais permeáveis à traição. Tal condenação está já patente em Salústio, concretamente no tratamento dado à figura de Fúlvia (Cat. 23.3-5) e à de Semprónia (Cat. 25), bem como na observação, que Tácito parece ecoar, acerca da acção sediciosa de Catilina: *ea tempestate plurimos quouisque generis homines adscuuisse sibi dicitur, mulieres etiam...* (Cat. 24.3).

⁸ Veja-se o valor intensivo que o prevérbio confere à forma verbal *reticuit*, bem como o facto de o verbo simples, *tacere*, ter “a more limited meaning than ‘silere’, denoting the refraining from speaking by an effort of will” (*The Annals of Tacitus*, edited with introduction and notes by Henry Furneaux, vol II, Oxford, Clarendon Press, 1907, p. 389).

⁹ Sobre o perfil etimológico e jurídico dos vocábulos *liberta* e *libertina* e a aplicação desse duplo significado à condição de Epícaris, v. D. C. ZOLL, art. cit., pp. 334 ss.

¹⁰ Repare-se, uma vez mais, no valor do prevérbio no participio *permotis*: os conjurados ficam devastadoramente abalados pelo medo, em contraste com a firmeza e serenidade com que Epícaris refutou as acusações (*facile*).

tarefa que confiou justamente a esse seu liberto, jantou de forma mais copiosa e requintada do que o habitual, manumitiu ou recompensou monetariamente os escravos que lhe eram mais queridos e, sobretudo, manifestou alegria e afabilidade nas conversas, sem todavia conseguir esconder o estado de espírito acabrunhado e receoso. Por fim, mandou que Mílico preparasse ligaduras para feridas e tudo o mais necessário para estancar hemorragias. Tácito regista a incerteza sobre se Mílico estava ao corrente da conspiração ou se só nesse momento desconfiou do que se preparava.

Certo é que o leitor é levado a estabelecer de imediato o paralelo e o contraste entre Epícaris e estas duas personagens: por um lado, Flávio Cevino, e, por outro, Mílico. A ambos, Cevino e Epícaris, Tácito aponta uma vida anterior arredada da honestidade¹¹, mas, sob esse aspecto, sendo senador (*Ann.* 15.49: *senatorii ordinis*), Cevino é muito mais reprovável que Epícaris, uma liberta. Também se aproximam na imprudência do comportamento, ela por revelar a existência da conjura, ele por trair nas atitudes a apreensão e a urgência de preparativos suspeitos: mas as consequências da imprevidência de Cevino virão a revelar-se bem mais graves.

A aproximação contrastante de Mílico e Epícaris ilumina o juízo de valor para o qual Tácito encaminha o seu leitor. Ambos são libertos, mas, ao contrário de Epícaris, que anseia pelo fim da tirania que a todos amarra e destrói¹², Mílico, cujo nome por uma qualquer ironia significa ‘doce’¹³, conserva a sua alma de escravo, pois entra em cálculos quanto ao que pode ganhar se revelar as suas suspeitas. O desprezo de Tácito é evidente na escolha do vocabulário com que garante que as suas motivações eram a cobiça de recompensa monetária ou de aumento de poder (*praemia; immensa pecunia et potentia*). Por isso, no seu *seruilis animus* falou mais alto a *perfidia*, que o levou a esquecer o dever (*fas*) para com o *patronus* e a desprezar o cuidado que devia à sua salvaguarda (*salus*), infringindo o dever de gratidão por dele ter recebido a liberdade¹⁴.

A esta ignomínia, Mílico acrescentou o facto de ter pedido opinião à mulher. Também esta personagem merece cotejo com Epícaris. Ambas são mulheres, ambas libertas: mas a *uxor* de Mílico segue o padrão de comportamento que Tácito considera vulgar, e censurável, nas mulheres, sobretudo se de estrato social baixo. Por isso o conselho que dá ao marido não pode ser senão *muliebre ac deterius*¹⁵: assim guiado,

¹¹ Sobre Epícaris, 15.51: *neque illi ante ulla rerum honestarum cura fuerat*; sobre Cevino, 15.49: *nam Scaeuino dissoluta luxu mens et proinde uita somno languida*; ele próprio usa a sua fama pouco recomendável para esvaziar de suspeitas o facto de se ter banquetado mais lautamente que o habitual: *Enimuero liberales semper epulas struxisse, uitam amoenam et duris iudicibus parum probatam* (15.55). Além disso, Tácito regista que, na morte, Cevino se comportou melhor do que faria supor a sua anterior vida de *mollitia* (15.70).

¹² Para uma perspectiva em que Epícaris surge ao lado de outras figuras (estóicos como Trásea Peto, Bárea Sorano ou Séneca; e não estóicos, como Petrônio) enquanto modelo de comportamento na resistência à tirania e na preservação da liberdade, v. WILLIAM TURPIN, “Tacitus, Stoic exempla, and the praecipuum munus annalium”, *Classical Antiquity*, 27, 2008, pp. 359-404.

¹³ Epícaris, por seu turno, significa ‘amável, agradável, jovial’. É nome grego que denuncia a origem servil, mas cujo significado não destoa em carácter tão decidido e corajoso.

¹⁴ Além da escolha do léxico, acentuam o desprezo de Tácito pela grave infracção aos laços que ligavam os libertos aos seus patronos o recurso ao polissíndeto (*cessit fas et salus patroni et acceptae libertatis memoria*) e a aliteração (*secum seruilis [...] praemia perfidiae [...] pecunia et potentia*). Mílico e a mulher ilustram assim uma das circunstâncias que, no belíssimo e sombrio prómio das *Historiae*, Tácito diz ter para contar acerca da época em que viveu: *Corrupti in dominos serui, in patronos liberti* (1.2).

¹⁵ Cf. HENRY FURNEAUX, op. cit., p. 390: “The first adjective explains the other (=muliebre atque ideo deterius)”; ÉTIENNE AUBRION, *Rhétorique et Histoire chez Tacite*, Metz, Université, 1985, p. 221: “[...] en

desvaneceu-se qualquer hesitação da parte de Mílico perante o incentivo da mulher, dona de uma mente perversa e maldosa, mais ambiciosa ainda que o marido, sem escrúpulos que a façam recuar ante a ignomínia concebida. Primeiro, ela inculca-lhe no espírito o medo: ele corre perigo, dado haver na casa muitos outros libertos e escravos que, tendo visto o mesmo que ele vira, podiam adiantar-se e denunciar os factos, pelo que o silêncio dele de nada serviria e o punha até em perigo por nada ter revelado. Depois, acena-lhe com a hipótese de lucro: se ele não se calasse, caber-lhe-ia a ele, e só a ele, a recompensa adequada ao facto de ter sido o primeiro a desvendar a conjura¹⁶. Nada mais foi necessário para lhe convencer o carácter corrompido e desleal.

A conclusiva *igitur*, no início do capítulo 55, liga, por um fio lógico, os argumentos femininos, capciosos e torpes, ao que Mílico fez sem mais hesitações: denunciou. Cevino é trazido sob prisão (*raptus per milites*) à presença de Nero, mas, com inteligência e perspicácia, pontuando o depoimento com marcas de desprezo e acusação contra o liberto traidor (*fraude liberti*), desacreditando-lhe o carácter (*intestabilem et consceleratum*), excogita uma razão para todos os gestos considerados suspeitos, nega todos os indícios de conspiração e quase consegue que o processo não tenha seguimento, não fora a mulher de Mílico lembrar ao marido que outro dos conjurados, António Natal, tinha tido na véspera um prolongado encontro secreto com Cevino e que ambos eram íntimos de Pisão. É, pois, pela iniciativa pronta e calculista da mulher, cuja memória guarda os factos que possam vir a revelar-se úteis, que o inquérito prossegue. Trazem Natal e ouvem-nos separadamente: a incoerência das declarações de ambos levanta suspeita, pelo que os põem a ferros e os ameaçam com a tortura. Ambos acabam por ceder, primeiro Natal, depois Cevino¹⁷. Aquele entrega Pisão e Séneca; este, os outros, entre os quais Lucano. Em sinistra espiral de traição, na indigna esperança de poupar a vida, todos os indiciados acabam por revelar mais nomes: acusam os melhores amigos, Lucano a própria mãe.

Nero entende então que Epícaris, mantida presa, deve voltar a interrogatório. Persuadido de que um corpo de mulher não resistiria à dor (15.57: *ratusque muliebre corpus impar dolori*), dá ordem de que lho dilacerem pela mais excruciante tortura (*tormentis dilacerari iubet*).

At illam... O dístico e a adversativa centram o foco da atenção sobre aquela mulher e antecipam que ela, ao contrário do que Nero julga, ao contrário de quem cedeu à simples visão e ameaça de tormentos, não se deixará vergar pela tortura. O seu *muliebre corpus* não se comportará como, na perspectiva de tiranos e verdugos, é esperável do sexo dito fraco.

A intensidade, a variedade, a insistência, a acumulação dos suplícios, os golpes repetidos e continuados a que Epícaris não cede, são sublinhados no texto pela anáfora e pelo assíndeto, pela estrutura paralelística e pelo homeoptoto (*non uerbera, non ignes*,

ce qui concerne le sexe féminin, il [Tácio] n'échappe pas complètement aux opinions toutes faites qui sont véhiculées par le langage. [...] lorsqu'il évoque le conseil que Milichus est allé prendre auprès de sa femme [...] il détache l'adjectif *muliebre* et l'accouple avec *deterius*, ce qui a pour résultat d'ajouter au sens propre du mot (cf. *uxoris consilium*) une appréciation de portée générale, peu flatteuse pour le sexe féminin".

¹⁶ A mulher de Mílico acertou nos seus cálculos: o liberto traidor foi largamente recompensado (15.71: *praemiis ditatus*) e pôde acrescentar ao seu nome o sobrenome grego Σωτήρ (em latim: *Conseruator*), o Salvador.

¹⁷ O juízo de valor assaz negativo de Tácito relativamente ao facto de terem denunciado os conjurados está patente no ablativo de modo *pari imbecillitate* (15.56) com que refere a confissão de Cevino, após a de Natal.

non ira), bem como pelo recurso reiterado a vocábulos do campo lexical da tortura e da força bruta e prepotente (*dolori; tormentis; dilacerari; uerbera; ignes; ira; acrius; torquentium*). Desenha-se um quadro patético de insuportável dor¹⁸, que mais e mais se aumenta, porque os torturadores não querem que uma mulher leve a melhor (*ne a femina spernerentur*) e não quebre¹⁹. Nada conseguiu, porém, vencê-la, na sua força em negar as acusações, como sugestivamente sublinham os prevérbios das formas *peruicere* e *denegaret*. E, assim, *primus quaestionis dies contemptus*: Epícaris resistiu ao interrogatório e à tortura²⁰.

Mas a esse primeiro dia seguiu-se outro²¹. Tácito usa agora vocábulos que sugerem a repetição da tortura (*Postero; ad eosdem cruciatus; retraheretur*): o leitor intui assim que os limites toleráveis da dor estão prestes a ser quebrados, dedução que se confirma quando Tácito nos faz ver a imagem de Epícaris sendo transportada ao interrogatório numa *sella*, e nos explica, para que não haja dúvidas (*nam*), que assim foi necessário prevenir porque os seus membros quebrados (*dissolutis membris*) não lhe permitiam deslocar-se pelo seu próprio pé.

Não fora o *At illa* que reverte a lógica suposição de que Epícaris soçobraria, o leitor teria apenas comiseração por alguém que suportou os maiores suplícios e vai retomar a sua *via crucis*. Não fora o *At illa* e o leitor julgaria que, enfim, o seu *muliebre corpus* vai ceder e entregar aos carrascos a denúncia que pretendem.

Todo o texto de Tácito aponta para um extremo de sofrimento humanamente impossível de suportar. Evidentemente, também a própria Epícaris sente que esse momento, em que não mais poderá resistir, pode estar próximo. Decerto mede as suas forças. Sabe o que a espera quando de novo enfrentar a tortura que lhe há-de retalhar a carne e quebrar os membros.

Procura, então, a saída mais digna para a situação em que se encontra: não quer ceder, não quer vergar nem trair; também não quer – e sentirá que não pode – suportar fisicamente o que lhe infligirão dentro em pouco. Tem medo. Medo da dor e medo da traição. Medo de perder a dignidade, de abater a altivez com que soube responder a Nero, negando as acusações de Volúcio.

Por isso, escolhe a morte, única via que se lhe oferece como garantia de integridade moral²². Morte, evidentemente, não às mãos dos outros, mas *uoluntaria*. Nesse ponto de encruzilhada em que à sua frente se abre o caminho da vida, ainda que breve, de sujeição à tirania de outrem, e o caminho da morte, porto seguro em que se encon-

¹⁸ V. E. PAGÁN, op. cit., p. 81, chama a atenção para o eventual paradigma do relato da tortura de Epícaris presente em Séneca-Pai (*Con.* 2.5).

¹⁹ Díon Cássio (62.27.3), que refere muito brevemente a participação de Epícaris na conjura de Pisão, revela que foi às mãos de Tigelino, o sinistro prefeito do pretório de Nero, que ela sofreu a atroz tortura.

²⁰ O participio *contemptus* marca a superioridade da liberta: ela venceu porque não vergou, porque fez justamente aquilo que os seus carrascos não podiam tolerar a uma mulher: *spernere [eos]*.

²¹ Na versão de Polieno, a tortura foi retomada três dias depois. Tácito acentua a crueldade dos tratamentos em dias sucessivos. Em contrapartida, Polieno detém-se em pormenores que Tácito evita, pois conta que os que transportavam Epícaris, logo que chegaram ao local da tortura, pousaram a liteira no chão e mandaram-na sair; mas, ao olharem para dentro da liteira, só encontraram um corpo já sem vida.

²² Por isso, sem deixar de ser um suicídio de ‘evasão’, mercê do qual se foge a uma situação insuportável, a *mors uoluntaria* de Epícaris é, sobretudo, de tipo oblativo, um suicídio altruísta em que “par le don de sa vie, la victime vise à obtenir quelque bénéfice au service d’autrui ou à réaliser une valeur qui s’impose à elle comme une valeur absolue” (YOLANDE GRISÉ, *Le suicide dans la Rome antique*, Paris, Belles Lettres, 1982, p. 83).

tra a *libertas* e cessa a adversidade, Epícaris escolhe a dignidade do suicídio. E, nessa escolha, lembra-nos outros exemplos de idêntica decisão e por motivos semelhantes, registados por Séneca nas *Epistulae ad Lucilium*. Tanto os escravos que Séneca admira pela recusa da indignidade na morte²³, como Epícaris, são seres humanos em situação de fragilidade e sujeição, mas livres no entendimento de que a pior servidão é a voluntária²⁴. Todos eles, encurralados numa situação de constrangimento insuperável, preferem a morte por suicídio.

Como o faria Epícaris, guardada à vista, a caminho do suplício? Afirmava Séneca que nada melhor a lei da vida humana fez do que dar-nos uma porta para nela entrar e muitas para sair²⁵. E lembrava que, à volta de quem decide sair da vida, há sempre instrumentos que permitem pôr-lhe termo, onde quer e qualquer que seja a situação em que se esteja, mesmo à mercê de quem tortura²⁶.

Assim fez Epícaris, usando a faixa peitoral, a *fascia*, como laço que fixou ao arco da cadeira, para nele meter a cabeça e, com o peso do corpo, deixar-se cair e cortar o seu *tenuem iam spiritum*, o frágil sopro de vida que lhe restava. Ainda que seja inegável a presença da retórica do elogio aplicado às circunstâncias da morte, sente-se genuína, até no vocabulário poético, a admiração de Tácito que, relativamente a tantas figuras, demonstra o seu entendimento de que a forma como se sai da vida nos enobrece ou avilta para sempre²⁷.

Tácito acompanha estes instantes com uma sequência de segmentos frásicos muito rápidos, que se acumulam a um ritmo que se suspende apenas no supremo instante em que lhe regista a morte. Mas, como é comum na sua prosa, o historiógrafo não fecha a frase, prolongando-a em novo arranque, espécie de aposto em que cresce a consagração da grandeza desta mulher e deixa patente, acima de tudo, a admiração que por ela sente²⁸. Fá-lo por contraposição a vários níveis: a mulher que inicialmente designara

²³ O cotejo é muito significativo no que toca ao *exemplum* do condenado a morrer no espectáculo matutino do circo: rodeado de guardas, encontrou ainda assim modo de se suicidar, pois, fingindo adormecer, meteu a cabeça entre os raios de uma roda da carroça que o conduzia ao suplício, de modo a quebrar o pescoço. Para Séneca, este homem demonstra que, quando se quer ou deve morrer, nenhum obstáculo se pode interpor, pois *[n]on deerit ad mortem ingenium cui non defuerit animus* (Ep. 70.24). V., ainda, o exemplo do Germano condenado *ad bestias* (Ep. 70.20-21). Sobre ecos da prosa e do teatro de Séneca no retrato da tortura e morte de Epícaris, v. JAMES KER, *The Deaths of Seneca*, Oxford, University Press, 2009, pp. 61-62.

²⁴ Séneca, Ep. 47.17: *nulla seruitus turpior est quam uoluntaria*.

²⁵ Séneca, Ep. 70.15: *nilhil melius aeterna lex fecit quam quod unum introitum nobis ad uitam dedit, exitus multos*.

²⁶ Entre outros passos possíveis, atente-se em *Consolatio ad Marciam* 20.3, pela acomodação perfeita ao *exemplum* da liberta, mas também Ep. 24.14, *De Ira* 3.1.3-4... Sobre o desejável desprezo da dor, perante tortura semelhante à de Epícaris, enquanto motivo de admiração, v. Ep. 66.21; 67.3-6; 78.19.

²⁷ No caso da conjura de Pisão, além de Epícaris, constituem excepção apenas Séneca (Ann. 15.62-64), o tribuno Súbrio Flavo, notável pelo seu *constantiae exemplum* (15.68), e alguns centuriões, especialmente Sulpício Áspero (ibid.). Cf. B. WALKER, *The Annals of Tacitus. A Study in the Writing of History*, Manchester, University Press, 1960³, p. 135: "The brief but vivid account of Epicharis' death, together with that of the soldier Subrius Flavius, are perhaps the most memorable incidents in the whole story; and it is remarkable that the effect here is gained [...] by a terse, vigorous directness of style, extremely powerful but quite free from artifice".

²⁸ Admiração excepcional em Tácito, dado tratar-se de uma mulher, para mais liberta. Embora colocadas na boca de personagens que discursam ante o senado, são significativas as palavras *imbecillus et impar laboribus sexus* (Ann. 3.33) e *sexus natura inualidus* (3.34) para referir a essência da condição feminina. Veja-se, ainda, o que diz Quintiliano (Inst. 5.11.10): *Admirabilior in femina quam in uiro uirtus*. Para

como *Epicharis quaedam* é agora apontada como única no exemplo que deu²⁹; a mulher que, por sê-lo, Nero julgava fácil de fazer ceder à dor, suportou-a sem nada dizer, sem trair ninguém. Num tom carregado de amargura, que tantas vezes deixa transparecer na sua prosa sombria, Tácito contrapõe-na, por isso, a muitos outros que se aviltaram, incapazes de procederem como ela. E mostra a diferença, em termos de dignidade e coragem, que separa Epícaris de todos os que, homens e de extracção social elevada, entregaram até os mais próximos e caros parentes para tentar sobreviver, todos os que cederam à simples vista e ameaça da tortura³⁰.

Repare-se como Tácito procede para enaltecer o *clarius exemplum* de Epícaris³¹ relativamente aos outros conjurados. De um lado, uma *libertina mulier*, uma liberta: é agora que o historiógrafo entende dizê-lo explicitamente, para contrapor à sua condição social e ao seu sexo os *ingenui et uiri et equites Romani senatoresque*, expressão em que o polissíndeto coloca em relevo uma só mulher – e uma mulher só – frente a um grande número de personagens que a gradação ascendente, acompanhando o crescendo da ignomínia, mostra dos mais altos estratos sociopolíticos, aqueles de quem não se deveriam esperar tão abjectas mostras de subserviência e cobardia³². O cotejo, favorável a Epícaris e degradante para os denunciante, prolonga-se na oposição entre os segmentos frásicos *in tanta necessitate*, o clímax de um suplício insuportável e de uma aflição imensa que ela suporta e sublima, e *intacti tormentis*, a situação de integridade física que os poupou à tortura; prolonga-se ainda na oposição entre a atitude de Epícaris, *protegendo*, quando calou o nome dos conspiradores, e a destes, que entregaram (*proderent*) os que estavam implicados e os que talvez nem o estivessem, como Séneca e a mãe de Lucano. Mais: em cúmulo da ignomínia para uns, e de glória para ela, Epícaris tentou salvar *alienos ac prope ignotos*, em atitude nobre e generosa, que em nada a beneficiava, enquanto eles acusaram *carissima suorum [...] pignora*, os parentes mais próximos e os amigos mais queridos, por razões cobardes que Tácito regista (56.4: *promissa impunitate corrupti, quo tarditatem excusarent*)³³.

uma análise da figura de Epícaris enquanto “an example of the varied construction of gender identity”, v. THOMAS SPÄTH, “Masculinity and Gender performance in Tacitus”, in Victoria Emma Pagán (ed.), *A Companion to Tacitus*, London, Blackwell, 2012, pp. 448-450.

²⁹ “In fact, she proved to be the only Neronian dissident who committed suicide for the sake of principle, without an order to do so – an incarnation of practical Stoicism. This heroic act, rivaling the display of virtue by famous men of the past, so powerfully impressed Tacitus that he overcame his deep-rooted social prejudice and celebrated Epicharis in a pointed and unique epitaph” (VASILY RUDICH, op. cit., 1993, pp. 104-105).

³⁰ 15.56: *tormentorum aspectum ac minas non tulere*. Cf. Séneca, *Ep.* 14.5-6, sobre a eficácia da tortura à simples vista de numerosos instrumentos a ela destinados.

³¹ Uma outra mulher merece a Tácito ser apontada como *praeclarum exemplum*: a mulher lígure que escondeu o filho para o poupar à selvajaria dos soldados de Otão. Estes, convencidos de que, com ele, a mulher escondera também dinheiro, torturaram-na até à morte, sem dela obterem o que queriam (*Hist.* 2.13).

³² V. E. PAGÁN, *Tacitus Plus: The poetics of disguise*, Ann Arbor, 1997, p. 187, escreve: “Yet perhaps he [Tácito] is not so motivated by admiration of the lowly woman as by a willingness to exploit the prostitute in order to promote his own interest from a safe vantage point. In her silence she delivers his moral lesson while he enjoys a comfortable position which poses no threat to himself as he condemns his fellow members of the senatorial order”.

³³ Nos capítulos seguintes, Tácito dá conta da inutilidade desta cobardia, referindo a morte dos principais conjurados, na generalidade coberta de opróbrio. Como diz JAMES KER, op. cit., p. 58: “In the catalogue that follows, all of the deaths described by Tacitus have Epicharis as an explicit standard of comparison”. Quanto a Natal, em recompensa dos *festinata indicia* (71.1), ficou impune.

O relevo dado por Tácito a esta mulher tem, por isso, duas funções: a censura dos que não se comportaram como homens e como cidadãos romanos, e o engrandecimento de um acto excepcional, tanto mais excepcional quanto vindo de uma mulher e de uma liberta de costumes lassos. Epícaris assume assim o estatuto de uma heroína trágica, na sua fragilidade feita força, na sua aceitação de um destino que só pode inflectir pela escolha da morte³⁴.

Não admira, pois, que essa personagem fascinante tenha cativado, ao longo dos tempos, alguns autores que, mais ou menos próximos do texto de Tácito, a consagraram nas suas páginas³⁵. Foi o caso de Boccaccio, que, na sua obra *De mulieribus claris*, primeira colecção de biografias da literatura ocidental dedicada exclusivamente a mulheres, lhe reserva o capítulo 93. Seguindo de perto a narrativa dos *Annales*, explicita, na conclusão, apreciações morais afins das que Tácito sugere³⁶.

Foi também o caso de alguns tragediógrafos, hoje em dia decerto já quase esquecidos³⁷, como Tristan L'Hermite, que a fez uma das personagens principais da tragédia *La Mort de Sénèque* (1644) e lhe deu o relevo de ser ela a incentivar Séneca à conspiração bem como de se lhe igualar na morte³⁸. Ou como Daniel Casper von Lohenstein, expoente do barroco alemão, que, em 1665, lhe dá o protagonismo – traduzido até no facto de a sua tragédia se intitular *Epicharis* – de ser “a political martyr [...] filled with revolutionary fervor”³⁹. Ou, ainda, como Gabriel Marie Jean-Baptiste Legouvê,

³⁴ Para a análise do envolvimento na conjura e da morte de Epícaris, inseridas no que é possível chamar “a tragédia da conspiração pisoniana”, e para os paralelos com as tragédias de Séneca, v. A. J. WOODMAN, “Amateur Dramatics at the Court of Nero: *Annals* 15.48-74”, in *Tacitus Reviewed*. Oxford, Clarendon Press, 1998, pp. 206-207.

³⁵ Não é, pois, verdade o que escreveu D. C. ZOLI, art. cit., p. 339: “nessun noto drammaturgo si è ispirato a questa creatura”, abrindo excepção tão-só para Giovanni De Simone, que publicou, em 1902, uma tragédia em verso, em cinco Actos, intitulada *Epicaride o la congiura pisoniana*.

³⁶ Desenvolve, porém, a expressão dos preconceitos contra as mulheres, desde o facto de considerar que Epícaris se distinguiu por não fazer jus ao que o provérbio diz, que elas só calam aquilo de que não têm conhecimento (93.6: *veteri frustrato proverbio, quo docemur tacere quod nesciunt mulieres*), até ao ponto de afirmar que, por vezes, a Natureza se engana e dá uma alma viril a um corpo feminino, circunstância que só se pode aceitar por resultar da vontade de Deus. Acrescenta, ainda, que os homens, sendo o sexo forte (93.10: *si prevalemus sexu*), devem envergonhar-se quando são suplantados por uma mulher que soube moldar o seu carácter para enfrentar qualquer adversidade. O *De mulieribus claris* foi escrito entre o Verão de 1361 e o de 1362 (cf. GIOVANNI BOCCACCIO, *Famous Women*, edited and translated by Virginia Brown. The I Tatti Renaissance Library, Cambridge, MA - London, Harvard University Press, 2001, p. xi).

³⁷ Dos autores que citamos, parece-nos que se pode falar de injustiça no tocante a esse esquecimento. Outros nomes não terão sido tão felizes na sua reescrita da figura de Epícaris. É o caso de Augustin Louis de Ximénès, poeta e autor dramático francês, cuja tragédia *Epícaris, ou la Mort de Néron* teve uma única representação, em 2 de Janeiro de 1753, muito mal recebida pelo público.

³⁸ Na boca de Lucano, que é, na peça, amante de Epícaris, ouvem-se estas palavras, ditas a Pisão após a prisão da liberta (Acto IV, Cena I) e consentâneas com a imagem da sua coragem que Tácito legou à posteridade: “Elle est toute Romaine en grandeur de courage / Son âme est généreuse et ferme au dernier point, / Et les feux ni les fers ne l'ébranleront point. / On la verra sourire au plus fort des supplices / Quand on la pressera de nommer ses complices; / À l'objet de la mort, au plus fort des tourments, / Elle conservera ses nobles sentiments. [...] / Plaignons Épícaris, mais ne la craignons pas, / Elle s'en va souffrir un glorieux trépas”.

³⁹ GERALD GILLESPIE, “The Rebel in Seventeenth-Century Tragedy”, *Comparative Literature*, 18.4, 1966, pp. 331. O tragediógrafo alemão, que lia Tácito e consultava comentários à sua obra, escreveu também, no mesmo ano, outra peça ‘neroniana’, *Agrippina*: em ambas explorava “the political parallels between ancient Rome and the Holy Roman Empire” (JANE O. NEWMAN, “Sons and Mothers: Agrippina, Semiramis, and the Philological Construction of Gender Roles in Early Modern Germany (Lohenstein's Agrippina,

com a sua tragédia imbuída do espírito da Revolução Francesa⁴⁰, intitulada *Épicharis et Néron* e cheia de alusões a favor de Danton e contra Robespierre⁴¹, em que a liberta grita a Nero, como últimas palavras antes de ser conduzida ao suplício: “Prolonge mes tourments, je dois m’en applaudir; / Je verrai Rome libre avant que de mourir” (Acto IV, Cena VII). Ou Thomas Henry Lister, que fez representar a sua tragédia em cinco Actos intitulada *Epicharis: an historical tragedy*⁴², em Londres, no ano de 1829, associando a liberta, numa estética romântica, ao tribuno Súbrio Flávio, de quem seria noiva. Recusando trair o amado (“I can die, / But not betray you”, Acto V, Cena I), acaba por se envenenar, perante Nero que a fez vir à sua presença para segundo interrogatório, quando o envolvimento de Flávio na conjura fica patente e o levam para ser executado. E as suas últimas palavras são as de uma mulher apaixonada que não aceita viver privada do homem que ama (“We are not parted, Flavius”, Acto V, Cena II).

Já no século XX, a figura de Epícaris mereceu também papel de relevo na peça (drama fúnebre) do sueco Sven Delblanc (1931-1992), em que é ela quem dá força e firmeza ao gesto suicidário de Séneca⁴³, e na narrativa dramática intitulada *The death of Seneca*, do poeta e classicista canadiano Daryl Hine (1936-2012), em que a liberta, exemplo de constância perante a tortura, morre crucificada⁴⁴.

Transformadas, ao longo dos séculos, em função da estética das épocas literárias ou da conjuntura política do momento, as diferentes reescritas da história de Epícaris não deixam, ainda assim, de dar testemunho da profunda emoção provocada nos leitores de Tácito por uma das mais fascinantes personagens dos *Annales*: *quaedam Epicharis*, uma certa Epícaris, exemplo dessa *constantia exitus* (Ann. 15.49) cuja memória o historiógrafo exalta em prosa tão sublime.

1665”), *Renaissance Quarterly*, 49, 1996, p. 83). Cf. tb. JANE O. NEWMAN, “Sex ‘In strange places’: the split test of gender in Lohenstein’ *Epicharis* (1665)” in Lynne Tatlock (ed.), *The Graph of Sex and the German Text: Gendered Culture in Earl Modern Germany 1500-1700*. Amsterdam-Atlanta, Rodopi, 1994, pp. 349-382.

⁴⁰ Leia-se, na folha de rosto da primeira edição: “*Épicharis et Néron ou la Conspiration pour la liberté*, tragédie en 5 actes et en vers. Représentée par la première fois au Théâtre de la République, le 15 Pluviose, l’an second de la République française, une et indivisible. Par Legouvé, Citoyen Français. A Paris, Chez Maradon”. A peça foi representada 28 vezes durante a Primavera de 1794 (a data da composição, referida segundo o calendário republicano, é 3 de Fevereiro de 1794), com Talma no papel de Nero. Cf. BEATRICE F. HYSLOP, “The Parisian Theater during the Reign of Terror”, *The Journal of Modern History*, 17:4, 1945, p. 343.

⁴¹ Cf. ERNEST LEGOUVÉ, *Soixante ans de souvenirs*, cap. X (‘Mon père’), Paris, J. Hetzel, 1886^r. Texto consultável em [http://fr.wikisource.org/wiki/Soixante ans de souvenirs/1/10](http://fr.wikisource.org/wiki/Soixante_ans_de_souvenirs/1/10).

⁴² Pode ler-se em http://books.google.pt/books?id=jKKCxiWPOWkC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. A personagem do tribuno, que em Tácito se chama *Subrius Flavius*, é designada nesta peça por Subrius Flavius.

⁴³ *Senecae död*, no título original (*A morte de Séneca*). Há tradução francesa (*La mort de Sénèque*. Nantes, L’Élan, 1997).

⁴⁴ Apresentada, como leitura dramática, na Universidade de Chicago, em Abril de 1968, foi publicada na *Chicago Review*, 22:1, 1970, pp. 5-87.

ÍNDICE

<i>De amicitia loquamur</i>	5
MARIA CRISTINA PIMENTEL, PAULO F. ALBERTO	
Tabula Gratulatoria	9
<i>Curriculum vitae</i> de Arnaldo Monteiro do Espírito Santo	25
Contribuições de Arnaldo do Espírito Santo para o estudo da História	59
JOSÉ MATTOSO	

Secção I – Antiguidade Pré-clássica e Clássica

Em volta da <i>Eneida</i>	65
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA	
O sentido de <i>Dike</i> no poema <i>Trabalhos e Dias</i> de Hesíodo	75
JOAQUIM PINHEIRO	
Aríon e o golfinho. Notas sobre a construção de uma lenda	85
CRISTINA ABRANCHES GUERREIRO	
O banho de Aquiles nas águas do Estige. Reflexão breve sobre a origem e fortuna de um tema clássico	93
LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA	
Variações rítmicas no trímetro sofoclíano: dos <i>stiphe</i> com palavras-chave	103
CARLOS MORAIS	
Lirismo a metro ou nova estética eurípidiana? As Odes Corais de <i>Fenícias</i>	111
SOFIA FRADE	
As leis comuns dos Helenos nas <i>Suplicantes</i> de Eurípides	123
JOSÉ RIBEIRO FERREIRA	
Apolónio de Rodes 4.1-5: uma teia de sentidos	133
ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA	
O crime político das mulheres de Lemnos. De Apolónio de Rodes a Valério Flaco	143
FRANCISCO OLIVEIRA	
Zeus nos <i>Fenómenos</i> de Arato: um deus democrata?	157
FOTINI HADJITTOFI	

Utopia, paradoxografia e tradição literária nos <i>Incredibilia de Thule Insula</i> de António Diógenes	165
JOSÉ CARLOS ARAÚJO	
As jogadas de Sólon e a esperteza dos Atenienses: Plutarco e o uso irónico da teatralidade e das metáforas na <i>Vita Solonis</i>	175
DELFIN F. LEÃO	
O recém-nascido em Sorano de Éfeso	187
CRISTINA SANTOS PINHEIRO	
La “patria” romana	195
CARMEN CODOÑER	
<i>Oblitus fatorum</i> : memória e esquecimento na <i>Eneida</i>	203
VIRGÍNIA SOARES PEREIRA	
Aspectos da construção da viagem na <i>Eneida</i> de Virgílio: <i>fatum</i> , conhecimento, incidente e obstáculo	215
CLÁUDIA TEIXEIRA	
Herodes-o-Grande na <i>Eneida</i> ? Nota a Verg. <i>Aen.</i> 8.642-645	221
NUNO SIMÕES RODRIGUES	
Ercole, fra Antonio e Augusto (Prop. 4,9)	229
PAOLO FEDELI	
Tiempo mítico y espacio real en la poesía ovidiana del destierro	239
CARLOS DE MIGUEL MORA	
<i>Aliquid Magnum</i> a “épica” de Marcial	247
ANA MARIA LÓIO	
Pertinenza della similitudine del Nilo con la siccità della Argolide. Intertestualità, paradossografia e scoliastica nel quarto libro della <i>Tebaide</i> di Stazio	255
CARLO SANTINI	
A possibilidade da liberdade humana nos <i>Anais</i> de Tácito	265
ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO	
<i>Epicharis quaedam</i>	275
MARIA CRISTINA PIMENTEL	
O destino e a história nas <i>Vidas dos Césares</i> de Suetónio	285
JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO	
A ética religiosa e social na Assíria (I milénio a.C.)	297
FRANCISCO CAMELO	
O ocaso do Império Ateniense. A batalha por Siracusa 415-413 a.C.	301
JOSÉ VARANDAS	
As cerimónias de coroação real dos Ptolomeus. Formas de reconfiguração política num país multimilenar	307
JOSÉ DAS CANDEIAS SALES	
Sobre a data da introdução do culto de Mitra em Roma	317
PAULO SÉRGIO MARGARIDO FERREIRA	

Em torno da versão portuguesa dos etnónimos do Ocidente peninsular e do nome dos <i>Zoelae</i> em particular	329
AMÍLCAR GUERRA	
Ptolomeu, <i>Geogr.</i> II 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA?	343
JOSÉ CARDIM RIBEIRO	
Algumas considerações sobre a onomástica romana na região de Olisipo: os <i>Fabricii</i>	381
MARIA MANUELA ALVES DIAS	
CATARINA GASPAR	
Escavando entre papéis: sobre a descoberta, primeiros desaterros e destino das ruínas do teatro romano de Lisboa	389
CARLOS FABIÃO	

Secção II – Antiguidade Tardia e Idade Média

How to read (and even understand) Cetius Faventinus VI, 4	413
DAVID PANIAGUA	
<i>Los De (sancta) Trinitate de Isidoro de Sevilla</i>	419
MARÍA ADELAIDA ANDRÉS SANZ	
O poema astronómico do Rei Sisebuto	427
PAULO FARMHOUSE ALBERTO	
<i>Barbarismus y soloecismus</i> en el <i>Liber Glossarum</i>	437
JOSÉ CARRACEDO FRAGA	
Apostilla a la composición del código Paris, BnF, latin 11219	447
MANUEL E. VÁZQUEZ BUJÁN	
O legado de Constantino na identidade da Europa cristã: dois casos de estudo	455
PAULA BARATA DIAS	
Observaciones iconográficas y filológicas al sarcófago paleocristiano (c. V) de Écija (Antigua Astigi, Sevilla)	465
ÁNGEL URBÁN	
<i>Passio</i> de São Sebastião: o poder do discurso martirológico	481
MARIA JOÃO TOSCANO RICO	
Existiram Suevos entre os reis Remismundo e Teodomiro?	491
RODRIGO FURTADO	
El culto a San Benito en Galicia	507
MANUELA DOMINGUEZ	
O culto de S. Tomás de Cantuária em Portugal: um manuscrito de Lervão como testemunho e outros indícios	517
AIRES A. NASCIMENTO	

Secção III – Do Renascimento ao Século XVIII

Cuidado da alma e poética da solidão em Francisco Petrarca	537
LEONEL RIBEIRO DOS SANTOS	

D. Duarte, a prudência e a sabedoria	551
† TERESA AMADO	
Isaac Abravanel vulto da cultura luso-judaica quatrocentista	557
SAUL ANTÓNIO GOMES	
Consonância e Proporção na Arte de Edificar: do Mundo Antigo ao Mundo Moderno	563
† VÍTOR MANUEL FERREIRA MORGADO	
Sêneca Revisitado: A Tragédia Quinhentista	575
NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES	
Uma carta de Jacques Peletier a Pedro Nunes	589
BERNARDO MOTA	
HENRIQUE LEITÃO	
Marcelo Virgílio e Amato Lusitano: a utilização do saber alheio para a lenta construção de um saber próprio (breves indicações)	601
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO	
Fernando Oliveira e Louis Meigret: humanistas, gramáticos e tradutores de Columela	611
ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE	
<i>Plus ultra e Sphera Mundi</i> . A propósito do termo <i>imperium</i> em Damião de Góis. Para uma abordagem contrastiva dos humanismos peninsulares	619
ANA MARÍA SÁNCHEZ TARRÍO	
Fernão Mendes Irmão Noviço	631
LUÍS FILIPE BARRETO	
<i>Loca multum ante descripta</i> Sobre um passo da <i>Menina e moça</i>	653
RITA MARNOTO	
El influjo de Juan Luis Vives en Juan Lorenzo Palmireno: ¿ <i>Codex Exceptorius</i> o <i>Codex Excerptorius</i> ?	661
JOSÉ MARÍA MAESTRE MAESTRE	
Un caso peculiar de recepción de la obra de Jerónimo	683
M.ª ELISA LAGE COTOS	
JOSÉ M. DIAZ DE BUSTAMANTE	
Percurso histórico do código seiscentista do <i>Livro que fala da boa vida</i>	699
ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO	
Luís da Cruz no elogio da Rainha Santa: em defesa de Roma, contra os ventos da Reforma	707
MANUEL JOSÉ DE SOUSA BARBOSA	
<i>Mores qualitas fabulae</i> Acerca de la función de los caracteres trágicos en la <i>Poética</i> de J.C. Escalígero	717
MARÍA NIEVES MUÑOZ MARTÍN	
JOSÉ A. SÁNCHEZ MARÍN	
A Expressão das Relações de Poder no Prólogo da <i>Écloga Gérion</i> de Lucas Pereira	727
JOSÉ SÍLVIO MOREIRA FERNANDES	
Vis & vis viva	735
RICARDO LOPES COELHO	
Camões e Vieira, na senda de Ovídio	745
CARLOS ASCENSO ANDRÉ	

Censura de alguns sermões no processo inquisitorial de Vieira	755
MARIA LUCÍLIA GONÇALVES PIRES	
“As leis da boa e verdadeira retórica”	761
ISABEL ALMEIDA	
O Sermão do Padre António Vieira sobre Santo Agostinho (Lisboa, 1648), com um aceno a Daniel Faria	769
MÁRIO GARCIA, SJ	
Vieira, consciência crítica da Monarquia Restaurada	777
JOSÉ NUNES CARREIRA	
Narratividade mítica da História segundo a epistemologia apocalíptica	787
JOSÉ AUGUSTO RAMOS	
Alexandre Magno no imaginário futurista do Padre António Vieira	795
ABEL N. PENA	
Roma, 1641: Uma Síntese Argumentativa da Restauração	805
ANDRÉ SIMÕES	
Um “ <i>curioso de mãos</i> ”: Tomás Pereira, artífice na Corte de Kangxi (1673-1708)	817
CRISTINA COSTA GOMES	
ISABEL MURTA PINA	
Sobre o ensino dos Jesuítas e o caminho para a descoberta das ciências	825
MARGARIDA MIRANDA	
Os jesuítas no Japão, precursores do mundo global	835
CARLOTA MIRANDA URBANO	
Função e intenção na correspondência enviada pela Rainha D. Mariana Vitória (1718-1781) a seus pais e a seu irmão D. Fernando	843
VANDA ANASTÁCIO	

Secção IV – Do Século XIX aos Nossos Dias

O <i>Discurso historico e critico...</i> , de D. Francisco Alexandre Lobo: um olhar diferente sobre a vida e a obra de Vieira	859
ANA PAULA BANZA	
Vieira, Pascoaes e o Quinto Império	869
MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL	
Partes da 1.ª representação de <i>Frei Luís de Sousa</i> , de Almeida Garrett	877
JOÃO DIONÍSIO	
Literatura: uma escola da vida	887
MARIA DO CÉU FRAGA	
Vinte horas de leitura: como se fazem romances?	893
HELENA CARVALHÃO BUESCU	
A música dos versos – Litanias finisseculares e contemporâneas	901
PAULA MORÃO	
Pedro e Inês sob o signo do burlesco	915
MANUEL FERRO	

A sedução impressionista de Walter Pater.	933
TERESA DE ATAÍDE MALAFAIA	
Coimbra. O mito da juventude no imaginário de Vergílio Ferreira	939
MARIA DO CÉU FIALHO	
Filoctetes no Atlântico. Comentários a <i>The Cure at Troy</i> , de Seamus Heaney	949
HELENA DE CARLOS	
O ponto de vista lutuoso em literatura. O caso de <i>Necrophilia</i> , de Jaime Rocha	957
MANUEL FRIAS MARTINS	
A Vida Moderna de um Conceito Antigo: Democracia em Portugal no Século XIX.	965
RUI RAMOS	
“Meninas prendadas” e “fêmeas ambiciosas”: Portugal, Cajal e o papel da mulher na investi- gação biológica na primeira metade do século XX.	989
JOSÉ PEDRO SOUSA DIAS	
O que falta ao mundo de hoje, Humanismo ou Teocracia?	1009
RAUL MIGUEL ROSADO FERNANDES	
O tempo do desejo	1017
MANUEL J. CARMO FERREIRA	
Ideologia, ideologia. Uma nótila cursiva.	1023
JOSÉ BARATA-MOURA	
À Mesa da Vida. Comunidade e comensalidade em Michel Henry.	1035
JOSÉ MARIA SILVA ROSA	
Novamente a(s) Literatura(s), a(s) Arte(s) e a(s) Ciência(s). Apontamentos para um Projecto de Estudo Comparativo	1047
ALCINDA PINHEIRO DE SOUSA	
A língua portuguesa e o relativismo linguístico	1051
INÊS DUARTE	
Análise Crítica do Discurso: dimensões teóricas e metodológicas	1059
CARLOS A. M. GOUVEIA	
Português para Fins Académicos: o que conta na produção do significado?	1073
ANTÓNIO AVELAR	
<i>Meminimus quae placidum nobis paruis Arnaldum dictae</i> ou como o latim se tornou clarinho	1087
ANA FILIPA ISIDORO DA SILVA	
RICARDO NOBRE	